

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados
Com terrível e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manes de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSAVEL. DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remittidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes \$730
		Para o Estrangeiro accresce o porte.

BARCELLOS 6 DE AGOSTO.

Transcrevêmos da «Razão» o seguinte artigo.

«A questão da conveniencia ou possibilidade de fundir n'uma só as duas nacionalidades peninsulares tem tomado tal vulto n'estes ultimos tempos, e de tal modo va degenerando de pacifica these especulativa em assumpto de politica militante para alguns escriptores do visinho reino e para alguns outros alheios á peninsula, que nos parece opportuna a occasião de examinar o que n'este objecto pôde haver de racional ou de absurdo, de lisongeiro ou de offensivo ao espirito portuguez, e á independencia, que com pequena interrupção, temos sabido manter e assegurar por tantos seculos.

E' preciso distinguir cautelosamente a questão do futuro e a questão do presente, a questão da unidade pacifica, e a questão da unidade violentamente operada pela conquista ou pela humiliação da terra em que nascemos. A primeira não a podemos resolver, porque pertence ás gerações futuras, incumbe ao tempo, á civilização crescente, ao progresso, que torna variaveis as condições da vida dos povos, e faz amanhã possiveis as combinações politicas que seriam hoje temerarias, e enlaçará talvez amanhã dois povos, ou duas raças, que, estreitadas hoje n'um abraço hypocrita, ou n'um consorcio forçado, se desatariam depressa dos vinculos ficticios para envenenar com odios novos as dissidencias tradicionaes.

Pôde um dia a peninsula ser uma politicamente, como é uma pela geographia, como já por mais de uma vez foi uma pela historia? Poderão os progressos successivos dos dois povos hispanicos abolir insensivelmente as fronteiras politicas e apagar os limites sociais, que por ora os trazem mais do que em independencia, em mais ou menos aberta suspeição? E' a raça a mesma em todo o territorio da peninsula? E' a historia em parte commun? E' o terreno talhado de feição para berço de uma nação juvenil e robusta, que se levante sobre a historia de ambas, e deixe esquecidos, pelos seus, os feitos de portuguezes e de hespanhoes? Tende o mundo christão á unidade politica, como tende em certa maneira, no meio das suas apparentes divergencias á unidade da fé, á unidade dos costumes, á unidade da sciencia, das artes, da litteratura, das instituições e da administração? Antes que seja uma e indivisa a republica christã, e toda a Europa ao menos constitua um povo unico, ir-se-hão gradativamente agrupando os povos, que hoje distinctos tem entre si mais affinidade de raça, de idioma, de tradições e de posição? Compôr-se-hão primeiro grandes nações dos que vivem ora independentes entre si? Como a familia italica se confunde na unidade, chegará a sua vez aos povos germanicos, depois aos do tronco slavo, e finalmente a esta valente e poderosa raça latino-wisigothica, que tantas glorias registrou para si na historia da civilização moderna? Ficará assim repartida a Europa em poucas, mas robustas e bem equilibradas nacionalidades, que possam, igualmente fortes e respeitaveis, viver em paz, e collaborar mais energicamente na grande, e ainda apenas começada obra, de civilisar e aproveitar o resto do globo,

e de fundar para um futuro mais remoto a unidade de toda a familia humana?

Eis-ahi os problemas que pertencem a esta que pôde chamar-se a historia philosophica do futuro, especie de visão, em que o espirito se alarga pelos horisontes do porvir, buscando, auxiliado e esclarecido pela luz dos tempos passados, descobrir a fórmula social da seguinte quadra da humanidade, ou o capitulo immediato áquelle que nós hoje estamos escrevendo na historia da civilização.

A solução affirmativa d'aquellas questões não tem nada de offensivo á dignidade e independencia de nenhum povo. Todas as nações sabem que não são, que não podem ser eternas. Na perpetua mutação da natureza, as nações nascem, crescem, morrem, ou confundem-se nas outras, que lhes succedem e recolhem a herança das suas glorias e as reliquias da sua civilização. Assim como as nações modernas nasceram da dissolução de um grande imperio, quem pôde ajuizar qual será o epilogo dos povos que entre os modernos se houverem levantado ao maior esplendor e poderio? Na natureza, como na historia, os elementos, no perpetuo turbilhão em que se agitam, agora se desprendem de antigas combinações, e logo entram a formar novos compostos. As nações não podem arrogar-se o privilegio de fazerem excepção á lei providencial que da destruição dos antigos seres levanta a existencia dos novos, e fez servir a decadencia de uns á prosperidade dos que lhes herdaram a missão.

Portugal poderá, pois, um dia entrar de novo na communidade hispanica. A peninsula já foi, por muitas vezes, uma politicamente. Com os romanos uma, uma com os barbaros do Norte. Com os arabes não chegou inteiramente á unidade. A cruz nunca cedeu de todo o campo aos crentes do Islam. Mas repare-se bem como a Hespanha alcançou a unidade. Foi pela conquista, foi pela espada, foi pela guerra, foi pelo exterminio. Foram povos estranhos que a vieram dominar para a unir. Uniram-na os romanos, e sabemos todos o que foi a sujeição das Hespanhas ás legiões de Roma. Uniram-na os barbaros, e a historia registrou como se operou a diffusão. Uniu-a Philippe II outra vez pela espada e pela oppressão, e a historia diz-nos eloquentemente, quanto foram ephemeros os planos de monarchia universal, proseguidos por Philippe, interessado respeitador da herança de seu pae.

A unidade futura, a unidade possivel das Hespanhas, se um dia tem de realizar-se, ha de nascer de outros principios, e inspirar-se de outras idéas. A conquista é inefficaz para fundir as nações. A conquista separa os espiritos, quando a espada suspensa sobre as cabeças parecem unir corpos pelo terror. Todos os conquistadores que fundam os imperios da vaidade e da grandeza egoista, levantam o seu monumento em cima de areias soltas. Só a idéa pôde hoje congregar os homens e fundir as nações. Philippe IV, herdando a Hespanha unida n'uma só monarchia, viu em 1640 quanto eram fallives os planos da ambição.

A peninsula poderá talvez um dia ser um só povo. Deixemos a questão para que a resolvam os que vierem depois de nós, não por egoismo nosso, mas porque só elles, que não do viver n'outro estado mais perfeito de civilização, poderão julgar-se é chegado o tempo de abater as fronteiras e de alliar os leões de Hespanha o

as quinas de Portugal, sem que se humilhem as quinas, nem se tornem arrogantes os leões.

Nós só podemos responder pelo que nos toca. E hoje podemos affoitamente dizer, que não nos convem o consorcio. A fusão dos povos peninsulares n'um só é impossivel hoje. Não a queremos, não a podemos aceitar.

Os que em Hespanha se afadigam por descrever propicia a occasião para tão difficil enlace, como é o de duas nações, sabem porventura o que pretendem? Querem a união, ou apenas a juxtaposição dos dois povos? Querem apenas apagar a fronteira artificial, que nos separa? Contentam-se em desfazer um traço, com que na carta da peninsula se contorna o nosso pequeno territorio? Querem annullar um throno, dos dois que reinam na Peninsula? Querem só isto? Satisfazem com isto apenas a sua missão? E' pouco, é nada para a civilização. Que lucrámos nós, os de aquem e d'além do Guadiana, em conseguir esta que seria uma pomposa puerilidade politica, se não fóra a semente fecunda das mais sanguinolentas e inconciliaveis dissensões? Pois ficámos grandes só com ter um throno unico? Ficámos grandes só com que em Paris e em Londres nos represente um só embaixador? Ficámos grandes só com que as quinas e os castellos de Portugal figurem em escudete no meio do brasão hespanhol? Ficamos grandes só com que se diga que somos todos hespanhoes?

Não. Assim ficaríamos unidos como os lutadores, que se abraçam mais estreitamente para se prostrarem exanimés na arena. Seria a união perfida dos inimigos que se approximam para terem os ferros mais ao pé dos corações. O exemplo livemol-o nós, portuguezes, e vós hespanhoes, em 60 annos; nós, em casa observando-o a toda a hora, vós, vindo aqui para levardes a Madrid desenganos de que não basta a astucia de Philippe, o prudente, para congraçar inveteradas antipathias.

O que succedeu com Philippe? Philippe era um rei absoluto, como poucos o tem sido. Sou o herdeiro da coroa portugueza, dizia elle. Era no tempo em que se herdavam os reinós, como se homens livres se podessem herdar como se herdavam os servos de um boyardo, ou as rezes de um principe moscovita. O «demonio do meio-dia», como lhe chamaram com exaggerada execração, contava apenas com a affeição dos nobres e com a espada do duque de Alba. Os fidalgos receberam o premio com a infamia domestica. Os soldados de Philippe passaram pelo reino os seus piques e mosquetes. Os populares dobraram o collo, entre lastimas e maldições. Philippe adornecem no Escorial, pensando que legava a seu filho a monarchia de Hespanha, e deixava a Philippe IV a humiliação de ser vencido por um punhado de valentes.

Porque não foi duradoura a dominação philippina? Foi porque o direito hereditario lhe não era favoravel? Foi porque era preciso assegurar aos de Bragança a purpura usurpada pelo castelhano? Foi para corrigir um erro de successão e dirimir com melhor justiça um legio de herança entre duas dynastias, assim como se reivindica um feudo ou um vinculo, porque n'elle succedeu um homem com menos alguns globulos do sangue do instituidor? Que importava ao paiz que regesse um Bragança, um Bourbon, ou um austriaco, os destinos communs, se a nação lhe concedesse as suas affeições?

A insurreição toldou n'um dia as esperan-

ças de Philippe, porque o povo não queria, não podia ser hespanhol. Podia ser um preconceito. Não era. A oppressão castelhana justificava a indignação. Mas que fosse um preconceito esta instinctiva antipathia, esta aversão ao senhorio estrangeiro? Tinha algum direito a ferir o sentimento popular? Podia-se obrigar um povo a fundir-se n'um outro, quando uma invencível repugnancia os separava na sua mentida fraternidade, ironia pungente do vencedor contra a fraqueza do vencido?

A união peninsular não existiu pois nunca sob os Philippes. Como dois esposos que manietados e oppressos, arrastaram até ao altar e levaram ao lar commum amaldiçoado pelo odio, os dois povos soltaram-se dos braços um do outro levando mais vivas no coração as sementes da aversão reciproca, e ateadas no espirito as centelhas da emulação.

E hoje ha vocação pronunciada, ha sympathia ardente de um para o outro povo peninsular? Dão-se as condições proficuas a uma tão intima alliança entre as duas nações? Podêmos afoitamente dizer que não. Vejamos.

Porque somos nação pequena é mui decahida da nossa antiga importancia entre os povos cultos, não se segue que hajamos de ser dependentes para nos tornarmos grandes e que pela humilhação de um enlace desigual compremos os proventos materiaes que nos pôde proporcionar a união.

Se aos interesses physicos e economicos houvermos exclusivamente de attender, concordaremos todos nas vantagens da fusão. Quem duvida de que as nações grandes, quando as favorece o clima, o territorio, a posição geographica, e o ambito vastissimo das suas colonias distribuidas nas cinco partes do mundo, são mais productivas, mais prosperas, mais opulentas, mais poderosas do que as nações pequenas? Quem duvidará de que o sólo peninsular, patria de um só povo, seria explorado com maior vantagem para a civilisação commum, do que lavrado por dois povos que se olham com desconfiança e quasi desamor? Quem duvida de que a abolição das alfandegas na peninsula era um progresso valioso na sua economia e um novo triumpho para os principios eternamente justos e verdadeiros da livre troca? Quem duvida de que as nossas colonias reunidas ás de Castilla nos tornariam o primeiro povo colonial do mundo? Quem duvida que as Hespanhas volveriam pela união á grandiosa mas ephemera monarchia de Carlos V?

Mas as nações, assim como os individuos, não podem subordinar os actos da sua vida ás exigencias da economia politica, e á satisfação das necessidades materiaes. Ha nos povos um elemento moral, que os estadistas não podem desattender. Perdido o brio nacional, as nações tornam-se até incapazes de produzir.

Duas nações não são irmãs, só porque são visinhas; porque são artificiaes as suas fronteiras, porque são affins os seus idiomas; porque é commum o tronco d'onde procedem, e em parte as mesmas as tradições domesticas de que se alimenta o espirito nacional. E' mister que sejam semelhantes os costumes, longo o tracto reciproco, mesclados os interesses, sympathicas as relações. Que val serem visinhas se desde seculos a historia as tem trazido separadas? Se na memoria dos povos vive mais accessa a lembrança das hostilidades passadas do que a tradição das allianças contrahidas? Se a batalha do Salado, em que os dois povos combateram o inimigo commum, anda esquecida pelas de Aljubarrota e de Montes-Claros, onde os dois povos se alcançaram intrataveis?

Somos visinhos dos hespanhoes; hespanhoes nos dissemos e nos honrámos sempre de nos chamar pela raça e pelo torrão commum. Mas de portuguezes timbramos sempre quanto á independencia e senhorio de nosso proprio territorio. Este ciúme tradicional, esta castidade, com que nos recalámos sempre da subjeição estranha, esta religião domestica, em que temos sempre vivido zelosos de nossa liberdade, digamal-o com verdade, existe energica no povo portuguez, energica e susceptivel como sempre, insoffrida como nunca.

De que origens procedeu? Vejamos. A nação portugueza nasceu de uma insurreição contra o suzerano. O acto de independencia, que fundou a monarchia, foi para Castilla uma rebelião. O pensamento politico da Hespanha foi sem-

pre a unidade peninsular. Dos reinos senhorios, em que esteve retalhada a monarchia hespanhola, todos se foram pouco a pouco fundindo na corda de Castilla. A Navarra, o Aragão, a Biscaya, a Catalunha, o reino musulmano de Granada, cahiram sob o sceptro castelhana e com os reis catholicos a nação hespanhola foi politicamente uma, com a só excepção de Portugal. A nesga occidental da peninsula resistiu a todas as vicissitudes, e a todos os planos de arredondamento hespanhol. No seculo XIV resistimos á unidade. Nova insurreição contra a legitimidade monarchica, e nova protesta da soberania nacional, como ella então era constituída. No seculo XVI os erros de nossos governos deixaram o throno vago ás ambições de Philippe II. A nossa agonia foi um protesto meffizaz, mas eloquente. Na seculo XVII a nossa independencia foi a terceira insurreição. Tão repetidos conflictos denunciavam no caracter nacional um elemento poderoso de instinctiva repugnancia á unidade peninsular. A historia registrou as insurreições gloriosas contra Castilla, ligando as victorias na lenda popular a fidalguia e dignidade da nação. Portuguez tem sido sempre, e é ainda hoje, synonymo de inimigo jurado da subjeição estranha.

Eis-aqui o primeiro, o principal obstaculo á união peninsular. E' a reluctancia pertinaz de um homem que, estreitado pela necesssidade, prefere as necessidades domesticas mal satisfeitas, a um consorcio opulento, contra o qual se rebella o sentimento e o coração. Dá-nos a Hespanha um formoso dole. Senta-nos consigo no seu throno. Offerece-nos a dominação em todos os mares desde a Europa até ás Antilhas e ás Philippinas. Mas a desposada não a amamos, e no thalamo doirado, deslumbrante de pedrarias, e inebriante de perfumes haveriamos de ter saudados da pobreza do nosso colmo e da orla estreita, mas livre, do nosso Oceano, antiga e eloquente testemunha da nossa energia nacional.

Mas supponhamos que nos não separa de Hespanha a fronteira da historia, mil vezes mais forte do que as raias da geographia. Demos que estamos promptos a abdicar a nacionalidade, e que havemos como um preconceito e o abjuramos, a patria. Que lucraremos agora em nos unir á Hespanha?

E' a Hespanha mais culta do que nós? Mais materialmente cultivada, sim. Mais moralmente civilisada, não. Tem mais caminhos de ferro? Tem. Mais estradas? Mais industria fabril? Mais riquezas agricolas? Tem. Barcellona val mais como officina do que o Porto? Val. E' melhor a Cuba do que nenhuma das nossas colonias? E'. Mas que prodigio este! Pois se as nações grandes crescem mais rapidamente que as menores, e galgam mais velozes a distancia que, na ordem economica, as separa das mais primorosas em cultura material.

Tomemos agora outro ponto para a perspectiva. Olhemos a Hespanha moral. A Hespanha de hoje é ainda a Hespanha dos Philippes, com mais ferro nas suas fabricas, com ferro nos carris. A Hespanha é uma das nações que mais tem na idade novissima conservado as feições antigas. A civilisação passa-lhe por cima sem apagar de todo as bellas tradições nos costumes d'aquelle povo. O *hidalgo* hespanhol é ainda o mesmo, conservando illesas as memorias da velha honra hespanhola, mixto incomprehensivel de bisarria e de barbarie, de *caballerosidad* e de vingança, de galanteio e ferocidade. O despotismo da casa de Austria imprimiu no espirito da nação um cunho singular, que torna arrogante e tyranica a propria democracia, e consagra a dictadura como a fórmula suprema da authoridade em todos os partidos e em todas as escolas politicas. A inquisição hespanhola, o prototypo de todas as instituições inplacaveis e sombrias, durou por tanto tempo nas Hespanhas, que deixou nos animos a crenga deploravel de que o sangue é a expiação de todos os crimes, e o alzo o mais seguro conservador da sociedade.

A liberdade hespanhola tem sido sempre lugubre na sua pompa triumphal. A sua toga candida mal esconde as manchas de sangue, dos sacrificios hum, que ella julga necessarios á consolidação do seu dominio. A nação hespanhola é grande, é gloriosa, é sympathica para nós além da nossa fronteira, mas infelizmente está ainda no doloroso tyrocínio da sua civilisação moral. Segue-a um rasto de sangue no seu progresso. Os partidos não se extremam pela ge-

nerosidade e pela clemencia. Esperamos que a missão do odio acabe depressa na fundação das instituições democraticas, e que venha cedo o reinado da tolerancia e do amor. Enquanto não chega porém, é licito que nem queiramos levantar o nosso patibulo, esquecido ha tantos annos, para nos associarmos ás vinganças da justiça politica, nem expôr a nossa garganta ás contingencias de uma revolução, que não é pacifica e tolerante como a nossa.

A Hespanha ha de ser um grande povo. No dia em que se annunciar que o ultimo *torero* depoz a *banderilla*, e que o povo hespanhol, ao sol esplendido da civilisação christã, se correu de pejo e se ergueu com indignação contra o espectáculo das suas corridas, hoje tão predilectas, estará completa a transformação do espirito hespanhol. Será este o signal infallível da sua solemne communhão nos brandos costumes da nossa epoca. A inquisição terá esquecido de todo na peninsula. A dictadura militar terá quebrado a espada diante das instituições livres, ennobrecidas pela paz. O povo hespanhol terá dito aos conselhos de guerra, quando pedirem mais uma vez o sangue de um insurgente: «Não, a Hespanha não fusila ninguém. O sangue derramado nas execuções politicas lança na terra a semente fecunda da guerra civil. Só a clemencia e a generosidade fundam nos corações o reinado da verdadeira paternidade.» Então a Hespanha pensará na unidade da peninsula. Mas olhem bem os nossos visinhos. A epigraphe da Hespanha, lida pelos que veem do Oceano ou do Mediterraneo, é Gibraltar. E esta epigraphe é estrangeira. Comece a Hespanha por arvorar os leões onde agora fluctua como um terror a bandeira dos leopardos. Não ha união possivel, enquanto o solo da raça romano-wisigothica, tiver as portas do estreito uma sentinella britanica. Quando os peninsulares poderem sahir do seu territorio por Gibraltar, poderão, talvez os nossos vindouros ir de Lisboa a Madrid sem encontrar no caminho uma fronteira.

NOTICIAS DIVERSAS.

E' pouca vergonha ou mais ainda.—Pelo «Portuguez» jornal do Rio de Janeiro, e por algumas cartas particulares d'alguns assignantes nossos naquella cidade do imperio, sabemos que algumas das remessas do nosso jornal não tem sido entregues naquella cidade aos destinatarios.

Temos consciencia de que tem sido exacto o nosso expediente para o Brazil, porque seja-nos concedido dizer, não consentimos que alguma imprensa desta ordem ainda a mais regular tenha mais bem ordenada esta repartição, e tenham tanto escrupulo no expediente do jornal como tem um nosso amigo que de boa vontade se tem prestado a fiscalisar a remessa do jornal, e a sua administração. Em abono do que ahi deixamos ja dito leiam os nossos assignantes os documentos que apresentamos neste logar e que começamos a colher desde que a remessa para o Brazil cresceu, e é justamente desde quando se queixam alguns dos nossos assignantes.

1.º

«Remette a redacção do «Ecco de Barcellos» para o Rio de Janeiro vinte e cinco maços de periodicos contendo nove folhas cada maço competentemente estampilhados.

Barcellos 8 de junho de 1861.

Recebi F. Marques (director do correio desta villa).

2.º

«A redacção do «Ecco de Barcellos» remette pelo paquete para os seus assignantes do Rio de Janeiro vinte e cinco maços deste periodico contendo quatro periodicos cada maço, que são ao todo cem folhas todas competentemente estampilhadas.

Barcellos 22 de junho de 1861.

Recebi os jornaes constantes desta relação

Pelo director

Joze Francisco Ribeiro

3.^a

«Correio de 6 de julho de 1861.

Remettem-se para hirem no proximo paquete vinte e cinco maços, contendo cada um quatro folhas do periodico o «Ecco de Barcellos» n.º 71, 72, 73, 74, ao todo cem folhas competentemente estampilhadas e dando-se mais em dinheiro para a devida expedição vinte réis por cada uma, ao todo Rs. dous mil. Os maços são para os seguintes individuos (seguem-se os nomes dos nossos estimaveis assignantes, e de duas redacções a quem o nosso jornal é remetido.

Recebi os maços acima.

Barcellos 6 de julho de 1861.

F. Marques.

4.^a

GUIA.

«A redacção do «Ecco de Barcellos» remette no correio d'hoje para seguir no paquete vinte e cinco maços contendo cada um 5 numeros que são 75-76-77-78-79- da mesma forma e para os mesmos individuos retro relacionados, estampilhados e francos.

Barcellos 24 de Julho de 1861.

Machado Junior

Ao todo são cento e vinte o cinco folhas.

Recebi os periodicos constantes da guia supra, bem como em dinheiro a quantia de 2:500 reis.

Barcellos 24 de Julho de 1861.

Pelo director

José Francisco Ribeiro

E que nos dizem agora que devemos nós responder aos nossos assignantes do Brazil que se queixão de lá não chegar o jornal?

Que nas repartições dos correios não ha ordem, não ha fiscalisação necessaria, não ha lei, não ha vergonha, não ha nada em fim. Como se classifica a falta da remessa do jornal acompanhado de dinheiro?

Commentem!

Snr. Ministro do Reino, pedimos providencias para isto; são immensas as queixas do povo, de que faltam tambem correspondencias particulares, que se mandão para o Brazil, e isto assim não póde nem deve continuar.

AINDA O AZ DO «PURGATORIO». — Não respondemos ao menino, porque entendemos para desengargo da nossa consciencia que não deviamos incomodar as caixas do typo por causa das suas ultimas reflexões; nunca nos enganamos no juizo que haviamos formado acerca do novo campo regenerador de Barcellos; limpe a mão á parede!

Esperamos que nos não colloque na necessidade de lhe apontar tambem alguns melhoramentos, ou reformas *municipaes*.

Entende?!

POR UM TRIZ. — O «Espanhol de ambos mundos» afirma que o imperador Napoleão estivera a ponto de perecer victima de um envenenamento. Os medicos recitaram-lhe uma bebida para a penosa enfermidade que padecia, e apenas a tomou começou a experimentar horriveis dôres, que

o rodeavam. Chamados os medicos, reconheceram symptomas claros de envenenamento, e analysados os restos da bebida, descobriu-se o veneno n'elles. Durante tres horas esteve o imperador entre a vida e a morte, preza de penosas convulsões.

ANNUNCIO CURIOSO. — Em certa occasião de colheita, anno em que havia pouca palha, os frades Bernardos, como costumavam todos os annos vender, annunciando á porta da igreja, o excedente dos generos que recolhiam, e n'aquelle não podessem vender nenhuma palha a qualquer pessoa, affixaram o seguinte annuncio no local do costume: — *Este anno, no convento, não se vende palha, porque a pouca que se recolheu e ainda não chega para os frades.*

UMA ADIVINHA QUE NÃO ADIVINHOU O LOGRO. — Ha para a travessa da Trindade uma mulher, que da cartomancia faz modo de vida, explorando com as affirmativas da espadilha a credulidade dos parvos.

Os lucros e creditos d'esta industria é confirmacção plena de que dos tolos infinito é o numero.

Mas se isto é verdade, não o é menos que um esperto depara sempre com outro mais forte na esperteza. O caso que um d'estes dias se deu com a mulher de que fallamos, é prova d'isto.

Entrou-lhe em casa uma mulher d'aldeia com uma pequena canastra, que pousou logo a um canto.

A aldeã dirigiu-se á adivinha, e disse-lhe o que pretendia lhe fosse revelado pela cartomancia. A adivinha começou a operação, e quando ia em meio, a aldeã, fingindo-se accometida de uma ideia subita, disse: — «vou aqui perto saber mais uma cousa, e volto ja». E sem esperar resposta sahiu, deixando a canastra que estava coberta com um panno.

A adivinha que não adivinhou o logro que a aldeã lhe pregava, juntava tranquilamente o baralho, quando foi sobresaltada por uns vagidos que sahiam da canastra, que a aldeã deixára ficar.

Largou as cartas, correu á canastra, levantou o panno que a cobria, e viu uma criança recém nascida!... A aldeã não tornou a apparecer, e a mulher das cartas, conhecendo por fim a logração foi ter com o regedor, contou-lhe o acontecido, e pediu-lhe que mandasse a criança para a roda.

Porém a mencionada authoridade declarou que sem plena justificação do caso, não deferiria ao pedido, e assim a mulher das cartas se viu forçada a carregar com a criança!...

O caso é curioso.

DESCOBRIMENTO. — Na arcada do *Ecco Homo*, em Jerusalem, junto á fortaleza Antonia, construida por Herodes o Grande, na qual os procuradores romanos fixaram a sua mansão até a ruina da cidade santa, acaba de apparecer uma grande corrente d'agua, cuja origem se ignora. O descobrimento de uma corrente de agua entre as ruinas de dezoito seculos, do palacio de Pilatos, tem causado uma viva sensação n'aquelles habitantes; porém, particularmente na impressionavel imaginação dos judeus, que acham alguma coisa de maravilhoso na appareção da agua escondida nas entranhas da terra.

O Thalmud, dizem, annuncia a vinda do Messias para o momento em que appareçam tres fontes de agua viva no circuito da antiga metropole do judeismo, habitantes de Jerusalem, esta predicção começa a cumprir-se, e o cumprimento faz esperar o descobrimento das outras duas fontes. Durante quinze dias, um grande numero de judeus concorreu á nova fonte, ante a qual recitaram, inclinando a parte superior do corpo, largas passagens do Thalmud e versos de Ezequiel.

CHEGADA. — Acham-se nesta villa hospedados em casa do nosso amigo snr. Eduardo Lima, seus parentes o Ill.^{mo} Snr. Joaquim Evaristo Pinto de Figueiredo empregado do Governo Civil do Porto, e sua Exm.^a Esposa, a fim d'uzarem para lenitivo de seus padecimentos, de banhos das Caldas de Lijó e do nosso rio Cavado.

O bom resultado que muitas pessoas tem achado nas nossas miraculozas aguas, concorreu para que tão estimaveis pessoas preferissem ás de Vizella, aonde ja estiveram, as de Lijó. — Damos-lhes as boas vindas, e lhe desejamos o prompto restabelecimento.

POR CAUSA DE UM BALÃO. — Conta um jornal de Lisboa que ha dias passava pela rua das Chagas uma velhota muito rodada, abanando-se desesperadamente a uma ventarola de pennas de pavão, seguia-a cantando um garoto:

« Affasta, janota, affasta!
« Deixa passar o balão.»

A sisuda transeunte continuou a andar, e o bregeirote:

« As molas são sete juncos,
« Que á dez réis ahí se dão!»

Ella revira-lhe immediatamente um sopapo, cantando-lhe:

« Affasta, bregeiro affasta!
« Que levas um bofetão!»

E mal não tinha acabado o verso, já a *rima* estava na bochecha do gaiato.
Afastou-se com toda a poesia!

DEFINIÇÃO DE CONSCIENCIA. — O juiz da comarca de... lá da provincia, perguntou em audiencia publica a uma testemunha que estava inquirindo, se sabia o que era a consciencia; a testemunha contestou negativamente; pois bem, disse o juiz, eu lhe explico:

A nossa consciencia é como uma campainha, que, se dizemos a verdade, fica tranquilla e sosegada, mas se faltamos a ella, logo sentimos cá dentro *telim, telim, telim*. Você percebe?

BOA EXPLICAÇÃO. — Um creado mui simples, tendo sido mandado por seu amo a casa d'um amigo para lhe levar dois figos mui grandes, acompanhados d'uma carfa, comeu um no caminho; porém o amigo informado que eram dous, lhe perguntou pelo outro.

—Conto-o, lhe disse o creado.

—E como fizeste?

O creado, pegando no outro, e engolindo-o respondeu:

—Foi assim!

MODELO DE ESCRIPTA. — Um collega da provincia publica a seguinte curiosidade:

«*Edital* — Faço saber que todos os Sida dous deste testinto conCelho de Midois Comarca de Taboa q todos aqueles que tivesem pezos anoral ou tros quais quer Medidas tanto de Milho Como dede Vinho,aa zeite tanto Alqueires como meias o Cortilhos ou tras quais quer medidas Sea prezentara ao Fridor nodia 14 de Janeiro de 1857 em Caza do Sidadão outro Sim digo o Cabeças de Maquior em caza do Sidado Manoel Pais Mamedio da Povoaa de Midois toudos aquelles q transguedirem a este Artigo Ficarão Murtado nas penos de 5000 Res.

o Afridor Antonio de Fig.
Condoza

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Despachos Telegraphicos.

Turin 27 de Julho.—A somma fixada para a subscrição dos banqueiros para o emprestimo é de 504 milhões nominaes, e a fixada para a subscrição publica é de 150 milhões, á taxa de 70 fr. 50 c. A commissão aos banqueiros e aos subscriptores por 100:000 fr. ou mais é de meio por cento sobre o valor nominal.

A subscrição publica será aberta no dia 29 d'este mez, e fechada em 5 d'Agosto.

A redução feita aos banqueiros foi de 42 por cento sobre os seus pedidos.

Turin 27.—A «Gazeta official publica o decreto relativo ao emprestimo, conforme o despacho precedente. O modo de pagamento será regulado conforme o artigo 2 do decreto de 21 de julho. Todavia, o lapso de tempo para o pagamento do segundo decimo e de outras fracções successivas começará a ser contado desde o 1.º d'agosto proximo. As disposições dos artigos 5, 6, 7 e 9 d'este decreto são communs á subscrição particular.

O general Fleury partiu hontem á noite para Paris.

Vienna 27.—Na sessão da camara dos deputados, os deputados tcheques e polacos estavam outra vez presentes.

O deputado Smolka deu explicações sobre a attitude que hontem tomára o seu partido.

O deputado Claudi deu as mesmas explicações em nome do partido tcheque.

O presidente respondeu que tinha a consciencia de não haver ultrapassado os seus poderes.

O incidente não teve outra consequencia.

O deputado Rechbauer lembrou que a interpeção relativa á questão da Hesse-Eleitoral tinha ficado sem resposta.

Cattaro 26.—A entrevista projectada em Zabliag entre Omer-Pachá e o principe do Montenegro não pôde ter lugar. O principe Nicolau está doente em Dodossi. Omer-Pachá voltou hoje para Mostrar.

Copenhague 27.—Um ajudante de campo do rei receberá M. de Torrearsa em Copenhague. O vapôr do rei transportará o enviado italiano de Corsoer a Sonderbourg onde será recebido por S. M.

Londres 27.—O «Europa partiu hoje de Liverpool. Leva 39:978 libras sterlingas para a America.

M. Layard substituirá lord Woodhouse na qualidade de sub-secretario d'Estado nos negocios estrangeiros.

Pariz 30.—O «Moniteur» publica o decreto da promulgação do tratado de commercio concluido no dia 29 d'abril entre a França e a Turquia.

O mesmo jornal annuncia hoje que o imperador Napoleão enviára o general Decamp a Santander para felicitar S. M. a rainha de Hespanha.

Considera-se como positiva a visita do rei da Prussia ao acampamento de Chalons.

Roma 28.—O governo francez declarou ao da Santa Sè que impedirá qualque empreza violenta contra os Estados da Igreja.

Berlim 29.—Confirma-se cada vez mais a viagem do rei da Prussia á França e a sua visita ao acampamento de Chalons.

Pariz 29.—O «Pays» crê que dentro em

poucos dias se cotisará o emprestimo italiano na Bolsa.

O general Fleury chegou a Vichz.

O conde Permotti, encarregado d'uma missão militar pelo governo do rei da Italia chegou aqui.

Idem 31.—O «Pays» e o «Constitutionnel», com referencia a noticias de Roma, dizem que monsenhor Merode pronunciou em presença do general Goyon, palavras injuriosas contra o imperador Napoleão. O general Goyon impoz-lhe silencio, e fez o gesto de dar-lhe moralmente duas bofetadas, accrescentando que estava disposto a dar-lhe satisfação. Monsenhor Merode escudou-se com o seu character ecclesiastico. O general Goyon sustentou a injuria inferida, sem dar nenhum genero de desculpas.

Napoles 30.—Não é certo ter sido preso o arcebispo de Napoles

Roma, 29.—O «Jornal de Roma» declara falsa e calumniosa a carta de M. Solar, um dos processados no negocio Mirés.

AGRADECIMENTOS

D. Theresa Joaquina Pereira do Lago, seus filhos e irmão Manoel José Alves Redondo da Cruz, e o Padre Antonio Fernando Paes de Villas-boas, agradecem por este modo a todos os Illm.^{os} e Exc.^{mos} Senhores, que por occasião do fallecimento e enterro do seu muito presado e sempre saudoso marido, pai e cunhado, o Excm.^o Joaquim Antonio Paes de Villas-boas, tiveram a bondade de os obsequiar com as suas visitas e offerecimentos, pelo que se declaram summamente penhorados, protestando aqui uma eterna gratidão: igualmente agradecem a todos os Illm.^{os} e Rev.^{mos} Srs. Ecclesiasticos pela maneira toda obsequiosa com que se prestarão a tomar gratuitamente parte no enterro do Excm.^o finado, bem como tambem agradecem aos membros da capella e mais amigos, que gratuitamente fizeram parte da musica por tão infausta occasião.

Paulo José Alves da Silva, sua mulher e cunhada agradecem por este meio pedindo desculpa de o não fazerem pessoalmente, a todos os Illm.^{os} e Exc.^{os} Senhores que lhes fizeram o distincto obsequio de os procurar por a sempre saudosa occasião do fallecimento e enterro do seu muito presado e bom sogro e Pae o Exc.^{mo} Joaquim Antonio Paes de Villas-boas: registando tantos e tão subidos obsequios protestão aqui um eterno reconhecimento e gratidão.

CARLOS Maria do Valle Vessadas, não podendo agradecer pessoalmente a todos os Illm.^{os} e Exc.^{os} Srs. que por occasião do fallecimento, e enterro de sua presada Tia o procuraram, e obsequiaram, o faz por este meio, testemunhando-lhe o maior reconhecimento, assim como a todos os Ill.^{mos} e Rev.^{mos} Srs. Ecclesiasticos que gratuitamente tomaram parte no enterro da finada.

ANNUNCIOS.

NO dia 18 do corrente pelas 9 horas da manhã, no Tribunal deste Concelho se tem de proce-

der á arrematação dos rendimentos dos bens de raiz de natureza de prazo de vidas foreira ao Guimarães do Porto, penhorados aos executados Antonio da Silva Cunha e mulher, esta residente na freguezia de S. Romão de Fonte Coberta, e aquelle auzente e representado por seu Curador, em execução que lhes faz Antonio da Costa, casado, de Mouquim, e corre pelo Cartorio do escrivão Alvarenga. (146)

CASA FELIZ PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

3.ª EXTRACÇÃO DO 3.º TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R\$ 12:000:000

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 5\$000, meios ditos, a 2600, quartos, a 1300, e cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá lugar no dia 10 de Agosto.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe em vales do correio; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria parte dos seguintes premios em quartos e cautelas de 500 e 250 rs.

5518

3:000:000

3999..	100\$000
4000..	100\$000
5007..	400\$000

NOTICIA.

Nova festividade e romaria no Real Sanctuario do BOM JESUS DO MONTE de Braga, neste anno de 1861.

O anniversario da *Dedicção da Igreja do BOM JESUS DO MONTE* será celebrado todos os annos no segundo Domingo d'Agosto com romaria e funcção d'igreja, o que neste anno terá lugar com grande solemnidade. Em a noite de Sabbado 10 de Agosto haverá fogo de artificio, e no Domingo 11 as funcções religiosas no Sagrado Templo com toda a magnificencia, e Chrisma conferido pelo Exm.^o snr. Arcebispo Primaz Juiz do mesmo Sanctuario.

BARCELLOS.—Typographia de José Alves Val longo e Sousa. Rua Direita n.º 28.—